

SERIES VULNERÁVEIS

Seres Vulneráveis

Duas Assembleias Públicas sobre o Espaço e o Tempo das Epidemias

Curadoria de Andrea Bagnato e Ivan L. Munuera
maat – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa

Somos seres vulneráveis – e reconhecer a natureza política dessa condição é imaginar uma coexistência diferente com outros seres humanos e não-humanos. “Haverá forma”, perguntou Judith Butler em 2003, “de pugnarmos pela autonomia nos diversos domínios da nossa atividade, atendendo simultaneamente às exigências que nos são impostas pela circunstância de vivermos num mundo de seres que são, por definição, fisicamente interdependentes?”

Assente num trabalho de investigação de longo prazo realizado por Andrea Bagnato e Ivan L. Munuera, *Seres Vulneráveis* é uma proposta de reflexão sobre o espaço e a coabitação sob o prisma das doenças infectocontagiosas. Numa assembleia pública realizada em duas partes, convidados de diferentes disciplinas e contextos reúnem-se para um intenso programa de palestras, conversas, atuações, projeções de vídeos e música.

O contágio é sempre função da proximidade – uma proximidade que começa a tornar-se desconfortável. A devastação do ambiente provocada pelo capitalismo colonial criou condições propícias à emergência de múltiplas epidemias

(cólera, gripe suína, Ébola, VIH/SIDA, entre outras), e a frequência com que estas ocorrem é cada vez maior.

Ao longo da história, os programas de controlo de contágios – aquilo que se entende por saúde pública – transformaram edifícios e cidades. Mas para lá do mundo ocidental, a saúde pública foi também um instrumento de opressão, violência e segregação colonial. No próprio Ocidente, os indivíduos e grupos sociais que se afastaram da “norma” foram vítimas de exclusão estrutural, facto bem evidente na pandemia do VIH/SIDA ainda em curso.

Seres Vulneráveis aborda várias questões: Como se produz e espacializa o conhecimento epidemiológico, e quem é dele excluído? Como ressignificar a linguagem em torno da doença e da saúde com vista a abolir metáforas opressivas? Que corpos, humanos e não-humanos, estão em jogo? E que ensinamentos podemos colher de formas passadas e atuais de organização coletiva face ao sofrimento?

Tuning In

29–31/10/2021

Concebida como um reencontro após um tão longo período de isolamento, a assembleia *Tuning In* pergunta que vozes precisam de ser ouvidas. Como pode o conhecimento científico especializado, que a brevíssimo prazo se tornará porventura o modo de conhecimento dominante, ser complementado por representações mais complexas, expansivas e diferenciadas da “doença” e da “saúde”? Nesta assembleia envolver-nos-emos no emaranhado das nossas realidades, marcado por processos de cura e de cuidado, de exclusão e de segregação, de construção de alternativas e possibilidades. Que corpos importam nos mapas geopolíticos mais amplos? Como confrontar as noções modernas de classificação e de governabilidade? Que formas de afinidade se estabelecem através dos ativismos? De que modo se infiltraram as metáforas médicas na geopolítica? O que significam domesticidade e lar em tempos de pandemia? Como pode a memória ajudar à reflexão sobre os territórios em crise?

Ao longo de três dias, sintonizamos com as vozes de Vivian Caccuri, Panagiota Kotsila, Carlo Caduff, Meike Wolf, Tomaso De Luca, Francesco Urbano Ragazzi, Dan Glass, Teresa Fabião, Anjuli Fatima Raza Kolb, Marina Otero Verzier, Rachaporn Choochuey, Sofia Gallisá Muriente, Cruz García, Fado Bicha e Polido.

Sounding Out

26–28/11/2021

Sounding Out parte da ideia de que a atual pandemia não é inédita nem única: em grande parte do mundo, as doenças infectocontagiosas fizeram e continuam a fazer parte do quotidiano. O que é que a modernidade foi incapaz de ver na gestão da doença, e até que ponto perdura essa cegueira? Que mapas geopolíticos e corpos importam? Para responder a estas perguntas, recuaremos a histórias e geografias inesperadas, e anteciparemos futuros possíveis. Partiremos das ideias desenvolvidas na primeira assembleia, expandindo-as para outros corpos, ambientes, narrativas e políticas. *Sounding Out* propõe-se explorar vulnerabilidades e codependências invisíveis, a natureza selvagem enquanto noção capaz de confrontar a exclusão, e os vestígios coloniais enraizados nas instituições médicas. Debruçar-nos-emos sobre tradições médicas localizadas que entram em conflito com a medicina ocidental, investigaremos a violência direcionada no contexto do colonialismo e exploraremos genealogias locais e globais do ativismo

Ao longo de três dias, auscultamos as vozes de Jack Halberstam, Himali Singh Soin, Isabel Amaral, Sofia Lemos, Edwin Nasr, Uriel Orlow, Jasbir K. Puar, Sarah Schulman, Nerea Calvillo, Lucía Casani e Mónica Carroquino, Tamara Giles-Vernick, Michael Marder, Elise Misao Hunchuck, Françoise Vergès e Michael Wang.

Assembleia I: Tuning In

29–31/10/2021

● SEXTA-FEIRA, 29/10/2021

16.30–17.00

Abertura

Com os curadores Andrea Bagnato e Ivan L. Munuera e Beatrice Leanza, diretora executiva do maat.

17.00–18.00

The New World Syrup and the Fever Hand Palestra performativa de Vivian Caccuri*

A febre-amarela surgiu nas Américas no século XVII. Chegou acidentalmente a bordo dos navios que os comerciantes europeus usavam para transportar escravos africanos. Inicialmente de origem colonial, a doença ganhou proporções mais graves devido à ecologia das plantações de açúcar nas Caraíbas e no Nordeste brasileiro – o corte de florestas criou um habitat favorável aos mosquitos *Aedes*, transmissores do vírus. Depois de aparentemente controlada por campanhas de saúde pública, a febre-amarela reapareceu no Brasil em 2018 – possivelmente em resultado da atual desflorestação da Amazônia. Foi também em 2018 que o governo de Jair Bolsonaro assumiu o poder e as preocupações epidemiológicas foram integradas nas políticas nacionalistas da sua campanha.

18.00–19.00

Fado Bicha

Performance

● SÁBADO, 30/10/2021

10.30–12.00

Profecias Vulneráveis

Debate com Panagiota Kotsila e Carlo Caduff*, moderação de Andrea Bagnato

Em 2009 foram detetados 51 casos de malária na Grécia – trinta e cinco anos passados sobre a suposta erradicação da doença. O seu ressurgimento foi uma consequência não apenas das brutais políticas de austeridade que a Troika impôs aos países do sul da Europa e que esgotaram os recursos destinados à despesa pública em saúde, mas também da racialização dos trabalhadores agrícolas imigrantes, expostos às picadas de mosquito nos campos onde eram explorados. E poucos anos antes, em 2005, os Estados Unidos preparavam, alarmados, uma resposta em grande escala para uma pandemia de gripe H5N1 com origem em explorações avícolas – ameaça que, na altura, não se concretizou. As epidemias podem ser praticamente ignoradas quando estão em jogo corpos considerados descartáveis – ou desencadear o célere investimento em planos de preparação quando parecem ameaçar o corpo da nação. Dependendo de quem – ou do que – é classificado como vulnerável, o conhecimento científico, os protocolos e as narrativas operam de forma diferenciada.

12.00–13.00

Fronteiras Vulneráveis

Palestra de Meike Wolf

O *Aedes albopictus*, ou mosquito-tigre-asiático, é uma espécie peculiar, propensa a transmitir várias doenças graves tais como a dengue, a febre-amarela e o vírus Zika. Presente há

muito no Sudeste Asiático, a espécie alastrou aos Estados Unidos e à Europa mediterrânica na década de 1980, propagando-se discretamente através do comércio mundial – em artigos como pneus usados ou plantas de bambu para uso doméstico. As medidas públicas de controlo do mosquito-tigre têm falhado sistematicamente, e prevê-se que o seu habitat continue a expandir-se à medida que o planeta aquece. O *Aedes* desafia os regimes fronteiriços e põe em causa as classificações de “nativo” e “invasor”. Acima de tudo, exige que encontremos novas maneiras de pensar as espécies vetoriais e os agentes patogénicos – para além dos conceitos modernos de classificação, território e governação.

13.00–14.30

Intervalo

14.30–15.30

Tomaso De Luca, *A Week's Notice*, 2020
Screening

Criado em 2020, este trabalho é uma meditação sobre arquitetura *queer*, gentrificação e a epidemia de VIH/SIDA. Apresentado originalmente como instalação-vídeo com três canais, o vídeo mostra vinte e cinco miniaturas arquitetónicas inspiradas na cultura popular (desde Buster Keaton a *O Feiticeiro de Oz*), obras-primas célebres (desde Mies van der Rohe a Le Corbusier) e espaços anónimos onde o artista viveu. As miniaturas movem-se, implodem, levitam, tremem, voam, abrem e fecham, acendem-se e apagam-se, num desastrado repertório de acidentes domésticos.

15.30–16.30

Habitação Vulnerável

Live chat com Tomaso De Luca e
Francesco Urbano Ragazzi

“A doença”, segundo Francesco Urbano Ragazzi, “é o agente oculto que reinstaura a desordem, a força arcaica que mostra a vulnerabilidade do mundo mas também, e sobretudo, a sua espantosa resistência”. São Francisco ficou célebre por ter sido uma das primeiras cidades afetadas pela epidemia de VIH/SIDA: ali foram diagnosticados os primeiros casos de sarcoma de Kaposi em 1980. Nos anos seguintes, a cidade assistiu a uma verdadeira onda de despejos, pois os proprietários serviram-se da epidemia para gentrificar os bairros que há muito acolhiam a comunidade *queer*. Num mundo neoliberal, até mesmo os vírus mortais podem ser cooptados para acelerar a financeirização do lar. A combinação de precariedade, aumento de rendas e mudança de casa frequente foi sentida pela primeira vez, e de forma mais severa, pelos grupos sociais marginalizados – mas é hoje um problema comum até entre as outrora prósperas classes médias. E, todavia, mesmo em semelhante contexto, surgem novas formas de viver e habitar que são continuamente testadas e reorganizadas.

17.00–18.00

Império Vulnerável

Palestra e leitura de
Anjuli Fatima Raza Kolb

Nos anos que se seguiram ao 11 de setembro, o terrorismo nos Estados Unidos foi sendo gradualmente descrito como uma “epidemia”. Ato de violência massiva fundiram-se com as noções de contágio e doença, tendo como

alvo particular a população muçulmana e os países não-ocidentais. Foram explicados com recurso ao mesmo imaginário de obscuras ameaças aleatórias ao corpo social. Tais metáforas não são um fenómeno contemporâneo – elas remontam aos primórdios da epidemiologia, na década de 1850, e à sua origem enquanto instrumento de gestão imperial – quando os povos colonizados eram considerados uma “ameaça” à saúde pública e os atos de resistência eram descritos como “terrorismo”. O emprego da terminologia epidemiológica para fomento de constructos de índole racial – e da islamofobia, em particular – põe em causa os próprios fundamentos do conhecimento médico moderno.

● DOMINGO, 31/10/2021

10.30–11.30

Cidades Vulneráveis

Conversa com Marina Otero Verzier e Rachaporn Choochuey*

A imposição do confinamento doméstico como estratégia de saúde pública tem uma longa história genealógica – os habitantes das cidades medievais eram regularmente forçados a ficar em casa durante as epidemias de peste. No entanto, a aplicação contemporânea desta estratégia não tem precedentes em termos de escala e extensão. O modo como milhões de pessoas vivem hoje em dia – em pequenos apartamentos individuais, devido ao custo crescente dos imóveis – foi um poderoso entrave espacial a qualquer forma de proximidade ou experiência partilhada. As pessoas deslocadas ou sem abrigo, já em processo de exclusão sistémica

e estrutural, foram particularmente afetadas. Se quisermos imaginar modos mais comunitários de superarmos períodos de dor e sofrimento, talvez tenhamos de desafiar valores como a “privacidade” e a “individualidade” – prestando mais atenção a modos de vida que estão para lá da norma ocidental moderna.

11.30–12.00

Ira Sachs, *Last Address*, 2009
Screening

Esta curta é uma elegia à perda de vidas durante a crise do VIH/SIDA em Nova Iorque. Para assinalar o desaparecimento de uma geração, Ira Sachs usa imagens do exterior de casas, prédios e *lofts*, onde artistas, escritores, músicos e outros viviam à época da sua morte. O filme é uma memória dessa perda, bem como uma evocação da presença constante da obra destes artistas na nossa vida e na nossa cultura.

12.00–13.00

Afinidades Vulneráveis

Conversa com Dan Glass e Teresa Fabião

Desde o início da década de 1980, quando o VIH/SIDA passou a merecer a atenção do público através da cobertura mediática de que foi alvo, diferentes comunidades criaram uma nova definição de parentesco através do seu ativismo. Essa forma de afinidade não assentava no tradicional entendimento de genealogia (consanguinidade, relações filogenéticas, estruturas de família nuclear), mas num relacionamento partilhado com um vírus (o VIH) e uma doença (a SIDA). O VIH foi o agente biológico que permitiu a formação de um vínculo entre os seus

portadores, assumindo o duplo papel de parente e mecanismo através do qual o parentesco era criado. Mas estes laços não eram apenas biológicos – eram também sociais e políticos. Nem todas as pessoas envolvidas eram portadoras do vírus ou seropositivas – e ainda que fossem, existiam diversos limites determinados pela carga viral: os indetetáveis, os VIH positivos que não haviam contraído SIDA, os falsos-positivos, etc. Os laços de parentesco entre os membros da comunidade eram, por isso, mais do que biológicos. O que partilhavam era um “parentesco escolhido”: um entendimento ativista da sua relação com o VIH e a SIDA.

13.00–14.30

Intervalo

14:30–15:30

Sofia Gallisá Muriente, *Celaje*, 2020
Screening

A memória, o tempo e o espaço andam de mãos dadas com a política do luto e da dor. Combinando imagens filmadas em 16 mm e Super 8, filmes caseiros, uma fita de áudio de um quarto de polegada, filme processado à mão e uma banda sonora original de José Iván Lebrón Moreira, *Celaje* é uma elegia à morte do projeto colonial porto-riquenho. As memórias movem-se como nuvens, as imagens decompõem-se e envelhecem, e os vestígios desse processo são visíveis no filme e no país, como fantasmas.

15.30–16.30

Memória Vulnerável

Conversa com Sofia Gallisá Muriente* e Cruz García*, moderação de Ivan L. Munuera

A ilha de Porto Rico poderá ser vista como um paradigma da pós-colónia tal como Achille Mbembe a definiu. Antiga colónia da Coroa espanhola e hoje território não-incorporado dos Estados Unidos –cujos cidadãos, até hoje, não têm direito ao voto –, é um lugar em permanente estado de crise. Neste contexto, as doenças infecto-contagiosas foram sendo moldadas e agravadas pelas assimetrias de poder – como a febre-amarela no século XIX ou o Zika e a dengue na década de 2010 bem ilustram. A saúde pública tem servido sobretudo para reforçar e legitimar o controlo colonial. Assim foi no caso da campanha contra a ancilostomíase lançada pelo governo norte-americano aquando da invasão de 1898, que viria a inspirar as atividades da Fundação Rockefeller. Nas palavras de Sofia Gallisá Muriente, “quem paga a dívida adapta o olhar à exaustão física e mental, ao calor e à humidade, ao sal, ao bolor, ao pólen e ao pó no ar; à recuperação desigual, às árvores deformadas e às catástrofes que se sucedem.”

17.00–18.00

Public Water (edit)

Sessão de escuta com Polido

Cada gota de água um evento / Matrizes divergentes perturbam a superfície, cada evento além do reconhecível. A composição tem como base a imagem da ondulação, simultaneamente ferramenta de composição e forma de pensar sobre a história e a memória. Eventos, práticas e tradições

afetam-se uns aos outros ao longo do tempo, desafiando a representação linear – do mesmo modo que um som pode mudar o tom de outro. Ao contrário do eco, que é facilmente reconhecido, os traços ondulantes de lutas e conflitos passados são partes invisíveis e elementos transformadores dentro do tecido do presente.

Nota:

Os convidados assinalados com asterisco (*) participam online

Assembleia II: Sounding Out 26–28/11/2021

● SEXTA-FEIRA, 26/11/2021

16.30–17.00

Abertura

Com os curadores Andrea Bagnato e Ivan L. Munuera e Beatrice Leanza, diretora executiva do maat.

17.00–17.30

Static Range: Part 1

Leitura performativa
de Himali Singh Soin

Um dispositivo nuclear de telemetria usado para espiar a China foi abandonado pela CIA em 1965, perto do pico de Nanda Devi nos Himalaias. Continuou a emitir isótopos desde então, provocando cancro nas comunidades Sherpa que ali viviam. Um conjunto de selos do Nanda Devi e uma fotografia tirada pelo pai do artista (possivelmente expostos a radiação) são o mote para uma troca fictícia de cartas entre a montanha e o engenho nuclear. Ambos se tornaram codependentes, esbatendo a distinção entre o infetado e o que infeta. Neste intercâmbio entre as duas vozes, o “tu” e o “eu” desaparecem progressivamente, deixando em aberto a questão sobre quem ou o quê é exatamente vulnerável.

17:30–19:00

Natureza Vulnerável
Palestra de abertura
de Jack Halberstam

Dos mortos-vivos à falcoaria e de Oscar Wilde a Max – a adorada personagem dos livros infantis de Maurice Sendak –,

a “natureza selvagem” escapa aos sistemas de classificação e às taxonomias normativas, explica Halberstam. Muitos tipos de corpos foram simplesmente classificados como selvagens pelos discursos civilizacional e colonial. No final do século XIX, a categoria “selvagem” era mais frequentemente aplicada aos corpos racializados. Por essa altura, começaram a surgir os contradiscursos, narrativas que se apoderaram do território da natureza e do antinatural para expressar uma profunda desconfiança dos sistemas normativos do conhecimento médico, social e político emergentes. No trabalho de Halberstam, a “natureza selvagem” é reformulada como ferramenta emancipatória, radicalizando o conhecimento e enfrentando confinamentos.

● SÁBADO, 27/11/2021

10.00–11.30

Urbanismo Vulnerável

Uma caminhada epidemiológica
com Isabel Amaral

O Instituto de Higiene e Medicina Tropical foi criado em Lisboa em 1902. Originalmente situado na zona ribeirinha do Tejo, nos edifícios da Cordoaria Nacional, foi transferido duas décadas depois para a sua atual localização, na Rua da Junqueira. Os bairros de Alcântara e Belém são as zonas de Lisboa que mais preservam os traços urbanísticos do império. O lema do instituto – *Sanitatem quaerens in tropicos* (procuramos a saúde nos trópicos) – continua a recordar-nos a história colonial da saúde pública. Ao longo dos tempos, a categoria “trópicos” tem sido usada para rotular grande parte do mundo como foco de infeção,

legitimando assim a sua exploração. Boa parte do conhecimento científico moderno sobre as doenças infectocontagiosas emergiu a partir das colónias, impulsionado pela necessidade de proteger a saúde dos colonos europeus e governar os colonizados. O escrutínio de tal legado permanece em larga medida ausente do discurso público, não obstante a nossa estreita proximidade com os seus vestígios edificadas.

O percurso pedestre começa e termina em frente da Central.

11.30–12.00

Uriel Orlow, *The Crown Against Mafavuke*, 2016
Screening

O filme reconstitui um julgamento sul-africano de 1940, explorando o confronto entre duas tradições médicas diferentes, mas interligadas e as suas utilizações de plantas. As passagens deslizantes entre géneros e raças questionam ainda mais as noções de pureza e de origem. O cenário do filme é o Palácio da Justiça em Pretória, onde Mandela e os seus colegas acusados foram condenados à prisão de Robben Island.

12.00–13.00

Terapêuticas Vulneráveis
Conversa com Uriel Orlow e Sofia Lemos

Mafavuke Ngcobo foi um ervanário em Durban, África do Sul, nos anos 1930, cuja atividade se desenvolveu na fronteira entre os remédios à base de plantas e as práticas comerciais modernas – uma combinação que os médicos brancos viam como uma ameaça. Em 1940, Ngcobo foi levado a julgamento devido

à sua prática, obrigando o júri a tentar determinar o que se podia entender por plantas medicinais “nativas” – uma definição que, mesmo então, estava longe de ser consensual. Ngcobo acabou por ser multado. No julgamento, a medicina africana foi caracterizada como prática assente em processos simples e plantas de fácil acesso, em contraste com a “avançada” medicina ocidental. Um caso de conflito com as chamadas práticas médicas tradicionais revela-nos como a ciência ocidental moderna foi muitas vezes imposta através de reivindicações de autoridade e racionalidade determinadas pela raça.

13.00–14.30

Intervalo

14.30–15.00

Static Range: Part 2
Leitura performativa de Himali Singh Soin

15.00–16.00

Corpos Vulneráveis
Palestra de Jasbir K. Puar*

“Em 2018”, escreve Jasbir Puar, “Gaza transformou-se no teatro da mutilação explícita; não mais accidental ou fortuita, mas intencional em escala e intensidade, e testemunhada e sancionada por a nível mundial.” Durante os protestos conhecidos como a Grande Marcha de Retorno, as Forças de Defesa de Israel apontaram as suas armas deliberadamente aos membros inferiores de pelo menos seis mil palestinianos, como apurou uma investigação das Nações Unidas. Ao procurar estropiar não apenas os corpos individuais mas uma geração inteira, pode concluir-se que Israel procura testar uma nova forma de controlo biopolítico, tirando partido de

entendimentos liberais de deficiência para legitimar as suas ações. Quando a mutilação se cruza com a opressão estrutural e a debilitação de vidas palestinas, qual é a verdadeira duração de um ato de violência? Como é vivida a deficiência na esfera doméstica e como afeta ela a reprodução social? O que significa manter uma população em estado de “perpétuo ferimento”?

16.00–17.30

Jim Hubbard, Sarah Schulman, *United in Anger: A History of ACT UP*, 2012
Screening

Um documentário sobre o nascimento e a vida do movimento ativista da SIDA nos Estados Unidos, narrado da perspectiva das pessoas na linha da frente no combate à epidemia. Utilizando histórias orais de membros do ACT UP, bem como imagens de arquivo raras, o filme retrata os esforços do ACT UP ao combater a ganância empresarial, a indiferença social e a negligência governamental.

17.30–19.00

Ativismo Vulnerável
Conversa com Sarah Schulman e Edwin Nasr

O complexo ativismo interseccional promovido pela ACT UP em Nova Iorque para fazer face à crise do VIH/SIDA influenciou o entendimento que ainda hoje temos de envolvimento político. Oriundos de diferentes contextos, os seus membros trabalharam para simultaneamente desmascarar mitos e políticas de exclusão, defender uma discussão horizontal da política, abrir a caixa negra do conhecimento médico, confrontar as práticas segregacionistas dos média, dos governos e das

instituições, e propor uma nova forma de entender o envolvimento político e a criatividade. O trabalho da ACT UP também pode ser entendido no contexto de – e comparativamente a – uma geografia global de luto coletivo.

● DOMINGO, 28/11/2021

10.30–11.30

Viagens Vulneráveis

Conversa com Nerea Calvillo e Michael Marder, moderação de Ivan L. Munuera

O que significa viajar com “outros” num estado de vulnerabilidade? Como podemos nós imaginar um companheirismo simétrico entre seres humanos e não-humanos? É possível encontrar formas de coexistência para lá das normas contemporâneas que excluem e segregam corpos, comunidades e ambientes? Viajar na contemporaneidade significa estar consciente das vulnerabilidades ambientais e políticas. Das máscaras aos certificados de vacinação, dos passaportes a outros elementos de identificação pessoal, viajar é uma negociação multifacetada: seja pela apreensão dos agentes invisíveis e microscópicos que povoam o ar, considerando-o uma infraestrutura complexa, ou pela sujeição a normas que delimitam a possibilidade de atravessar livremente uma fronteira.

11.30–12.15

Origens Vulneráveis

Entrevista com Tamara Giles-Vernick* por Andrea Bagnato

Na última década, a investigação genética sobre o VIH atribuiu a origem do vírus à presença colonial francesa e belga na floresta tropical da África

Central – e às economias extrativistas que, no início do século XX, transformaram a paisagem, as estruturas sociais e o contacto entre seres humanos e não-humanos. Fazer recuar no tempo as origens da pandemia e associá-la explicitamente ao colonialismo europeu implica um repensar drástico das coordenadas temporais e geográficas do VIH/SIDA. No entanto, também coloca questões importantes sobre causalidade, o estatuto ontológico do conhecimento científico e a produção de narrativas históricas num contexto de opressão colonial e marginalização contínua.

12.15–13.30

Tabita Rezaire, *Sugar Walls Teardom*, 2016
Screening com comentários de Mónica Carroquino e Lucía Casani

Durante a escravatura, os corpos das mulheres negras eram usados e explorados para trabalho laborioso em plantações, na escravatura sexual, exploração reprodutiva e experiências médicas. Anarcha, Betsey, e Lucy estavam entre as cobaias do Dr. Marion Sims, o chamado “pai da ginecologia moderna”, que torturava inúmeras mulheres escravizadas em nome da ciência. Não reconhecidos, os úteros da mulher negra têm sido, e continuam a ser, centrais na economia biomédica, como nos recorda a história de Henrietta Lacks – cujas células do colo do útero roubadas se tornaram a primeira linha imortalizada que levou a descobertas médicas. A obra, originalmente parte de uma instalação multimédia, celebra a tecnologia do útero através de um relato de política anatómica coerciva e presta homenagem a estes úteros; as suas contribuições não foram esquecidas.

13.30–15.00

Intervalo

15.00–16.00

Plantas Vulneráveis
Conversa com Michael Wang*
e Elise Misao Hunchuck

Um dos primeiros vírus identificados pela ciência moderna não infetou seres humanos, mas flores – falamos do vírus TBV (*tulip breaking virus*), descrito pela primeira vez em 1928. Antes da descoberta do agente da doença, as flores infetadas eram muito valorizadas devido ao efeito variegado do vírus, que produz flamas e listras de cores diversas. Outrora muito apreciadas, as variedades de tulpipa “estragadas” são hoje muitas vezes destruídas; o seu cultivo é proibido em países como a Holanda, onde a produção de túlipas é abundante, pois são vistas como uma ameaça à pureza das espécies de tulpipa nativas. Um vírus que não tem efeitos negativos nas plantas (nem nos seres humanos) mas é, ainda assim, tratado como um perigo, pode levar-nos a questionar os termos estéticos em que as plantas são enquadradas, bem como as palavras e metáforas que usamos para discutir o contágio.

16.00–17.30

The Island of Doctor Moreau
Palestra de abertura
de Françoise Vergès

Na Ilha da Reunião, uma colónia francesa desde os anos 1600, milhares de abortos foram forçados em mulheres de cor enquanto as feministas lutavam pelos direitos ao aborto no ocidente. Histórias de desflorestação colonial cruzam-se com a recente epidemia de

chicungunha – que o governo francês imputou à população e nada fez nada para combater. Quando as epidemias são entendidas não enquanto fenômenos isolados e “naturais”, mas como consequência de sucessivas camadas de colonialidade Norte-Sul, os históricos médicos adquirem um significado bastante menos pacífico. Além disso, transformam o corpo individual e coletivo num poderoso lugar de resistência.

17.30–18.00

Static Range: Part 3

Leitura performativa
de Himali Singh Soin

Nota:

Os convidados assinalados com
asterisco (*) participam online

CURADORES

Andrea Bagnato é investigador em arquitetura, ecologia e epidemiologia desde 2013, no âmbito do projeto a longo prazo *Terra Infecta*. Entre os resultados do projeto contam-se um livro sobre paisagens contaminadas na Sardenha (com Anna Positano, Humboldt Books, no prelo), o livro *A Moving Border: Alpine Cartographies of Climate Change* (com Marco Ferrari e Elisa Pasqual, Columbia/ZKM, 2019), bem como palestras e uma série de ensaios. Bagnato leciona nestas áreas na Willem de Kooning Academy em Roterdão e na Architectural Association em Londres. Trabalhou como editor para a Trienal de Arquitetura de Sharjah, para o grupo de investigação Forensic Architecture e para a Bienal de Arquitetura de Chicago.

Ivan L. Munuera é um académico, crítico e curador radicado em Nova Iorque cujo trabalho se debruça sobre o cruzamento entre cultura, tecnologia, política e práticas corporais no período moderno e no cenário global. Em 2020, foi premiado pela Universidade de Princeton com a Harold W. Dodds Fellowship, distinção que reconhece o mais elevado grau de excelência académica e um percurso profissional promissor. Foi curador de exposições no Museo Reina Sofía (*The Schizos*, 2009), no Ludwig Museum (ACAX Residency, 2010) e no CA2M (*Pop Politics*, 2012–2013). Desenvolveu diversos projetos, entre os quais *The Restroom Pavilion/Your Restroom is a Battleground* (Bienal de Arquitetura de Veneza, 2021), *Bauhauswelle* (Floating University Berlin, 2018) e *Chromanoids* (Bienal de Design de Istambul, 2016; Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Seul, 2017).

CONVIDADOS

Anjuli Fatima Raza Kolb é Professora Associada de Inglês na University of Toronto, onde ensina poesia e literatura e teoria pós-coloniais. A sua investigação académica explora como a ciência, medicina, história natural, e outros tipos de conhecimento colonial remodelaram a literatura, cultura, economia e política. O seu primeiro livro, *Epidemic Empire* (2020) desvenda a história que está por trás da metáfora morta da “epidemia de terrorismo”. Os poemas, traduções e ensaios de Kolb estão presentes em diversos locais e dialogam com as tradições da poesia urdu, da poética *queer* contemporânea, e das memórias líricas.

Carlo Caduff é Professor Associado no Departamento de Saúde Global e Medicina Social do King’s College London. O seu primeiro livro, *The Pandemic Perhaps*, mostra como a gripe pandémica se tornou uma ameaça global. Como parte deste trabalho sobre pandemias e preparação, Caduff escreveu extensivamente sobre a pandemia de Covid-19. O seu trabalho explora a saúde global na intersecção da ciência, da medicina, dos meios de comunicação e do estado. Mais recentemente, começou a trabalhar num novo projeto sobre o cancro na Índia. .

Cruz García é um arquiteto, artista, curador, educador, autor, teórico e cofundador (com Nathalie Frankowski) do WAI Architecture Think Tank. O WAI é uma das suas várias plataformas de envolvimento público que incluem o espaço de arte anti-lucrativo de Pequim Intelligentsia Gallery e Loudreaders, uma plataforma pedagógica aberta. Cruz Garcia é Professor Associado na

Iowa State University, e é coautor dos livros *Narrative Architecture: A Kynical Manifesto*, *A Manual of Anti-Racist Architecture Education* e *Pure Hardcore Icons: A Manifesto on Pure Form in Architecture*.

Dan Glass é um ativista, intérprete, apresentador e escritor no campo dos cuidados de saúde e dos direitos humanos da ACT UP. Dan Glass foi reconhecido como “modelo de campanha para a juventude LGBTQI” pela *Attitude Magazine*, um “líder dos jovens no domínio do clima no Reino Unido” pelo *The Guardian*, “Ativista do Ano” de 2017 nos Sexual Freedom Awards, e foi anunciado pela BBC como um “Greater Londoner” em 2019 por ter fundado as “Queer Tours of London – A Mince Through Time”. Glass faz parte da rede de artistas *In Place of War* e é um formador no âmbito do movimento *Training for Transformation*. Em 2020, publicou o livro *United Queerdom*.

Edwin Nasr é autore e curadore. Assistente do diretor na *Ashkal Alwan*, uma organização artística sem fins lucrativos sediada em Beirute, onde está envolvido no desenvolvimento curatorial de programas, exposições e publicações. Nasr integra o conselho editorial do *Journal Safar* e os seus textos apareceram recentemente no *Afterall Journal*, *n+1*, *The Funambulist* e *Bidoun*. Atualmente, é Curatorial Research Fellow no *De Appel*, em Amesterdão, e completará uma residência curatorial no Museu de Arte de Singapura em 2022, juntamente com Hera Chan.

Elise Misao Hunchuck (nascida em tkaronto/Toronto) é uma investigadora paisagista, editora e educadora

formada em arquitetura paisagística, filosofia e geografia. Estabelecida em Berlim e Milão, a sua investigação utiliza práticas cartográficas, fotográficas e de texto para documentar ecologias políticas, explorando paisagens materiais e relações entre recursos, infraestruturas, processos naturais, existências humanas e outras que não as humanas. É professora convidada no *Royal College of Art*, investigadora e conferencista sénior no *The Bartlett*, e membro do conselho editorial do *Scapegoat*. Hunchuck é também a curadora editorial do *transmediale*.

Fado Bicha é um projeto musical e ativista, criado em 2017 por Lila Fadista (voz, letras) e João Caçador (guitarra elétrica e outros instrumentos). O seu trabalho inspira-se na vida clandestina do início do século XIX, quando o fado era cantado em bordéis e tabernas baratas e constituía uma forma de expressão livre dos marginalizados. Ao quebrar as regras rígidas que foram posteriormente impostas ao fado, *Fado Bicha* dá voz às narrativas ainda invisíveis da comunidade LGBTI em Portugal. No contexto de uma comunidade de fado tradicionalista, *Fado Bicha* é um projeto político que questiona barreiras sociais e artísticas e subverte a regra heteronormativa.

Francesco Urbano Ragazzi é um duo curatorial fundado em Paris em 2008. A dupla desenvolveu *The Internet Saga*, uma plataforma de pesquisa e ciclo de exposições que começou com uma exposição individual homónima de Jonas Mekas (2015) e culminou com a exposição *Hillary: The Hillary Clinton Emails* de Kenneth Goldsmith (2019), ambos apresentados em contextos não convencionais por ocasião da Bienal

de Veneza. Desde 2017, a equipa tem dirigido o arquivo da artista feminista Chiara Fumai. No próximo ano, a dupla fará a curadoria da LIAF 2022, a 17.ª edição da Bienal de Lofoten, Noruega.

Françoise Vergès é uma teórica política, educadora pública e militante feminista descolonial da Ilha da Reunião. Há muitos anos que convoca oficinas e escolas antiracistas descoloniais com artistas e ativistas, e organiza visitas ou atuações descoloniais em museus. É autora de filmes, artigos e livros sobre Frantz Fanon, Aimé Césaire, descolonização de museus, feminismo descolonial, as memórias da escravatura, e o capitaloceno racial. Alguns dos seus livros recentes são: *Une théorie féministe de la violence* (2021, a publicar em inglês) e *Un féminisme décolonial* (2019, traduzido para várias línguas).

Himali Singh Soin é uma escritora e artista estabelecida entre Londres e Deli. Utiliza metáforas do espaço e do ambiente natural para construir cosmologias imaginárias da perda ecológica e da perda do lar, procurando abrigo algures na radicalidade do amor. O seu livro *ancestors of the blue moon* (2021) engloba ficções instantâneas a partir das perspetivas das divindades perdidas no cânone dos Himalaias.

Isabel Amaral é professora associada no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA, onde também coordena o programa de doutoramento em História, Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia. Amaral integra o grupo internacional STEP (Science and Technology in the European Peripheries), é vice-coordenadora do Centro Interuniversitário

de História e Filosofia das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) e cocuradora do Museu do Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa.

Jack Halberstam é professor de estudos de género e Inglês na Columbia University. Halberstam é autor de sete livros, incluindo *The Queer Art of Failure* (2011) e *Wild Things: The Disorder of Desire* (2020). Halberstam está agora a terminar um segundo volume sobre a natureza selvagem, intitulado *Unworlding: The Aesthetics of Collapse*. Em 2018, a revista *Places* atribuiu a Halberstam o seu prémio Arcus/Places por uma bolsa de estudo pública inovadora sobre a relação entre género, sexualidade e o ambiente construído. Halberstam foi recentemente tema de um filme de Adam Pendleton intitulado *So We Moved: A Portrait of Jack Halberstam*.

Lucía Casani and Monica Carroquino são a diretora e subdiretora, respetivamente, do La Casa Encendida, um centro social e cultural contemporâneo em Madrid. La Casa Encendida centra-se nas expressões artísticas contemporâneas, bem como em atividades educativas, ambientais e de debate que giram em torno das quatro principais esferas de ação do centro: Artes e Cultura, Solidariedade, Ambiente e Educação. La Casa Encendida apresenta um vasto programa que inclui exposições de arte contemporânea, artes performativas, cinema, música, literatura expandida, oficinas e seminários.

Marina Otero Verzier é Diretora de Investigação no Het Nieuwe Instituut e responsável pelo Mestrado em Design Social na Design Academy Eindhoven. Verzier foi também curadora na Bienal de Arte

de Xangai 2021, curadora do Pavilhão Holandês na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2018, e curadora principal da Trienal de Arquitetura de Oslo de 2016. Coeditou os volumes *Lithium* (2021), *More-than-Human* (2020), *Unmanned: Architecture and Security Series* (2016-20), *Architecture of Appropriation* (2019), *Work, Body, Leisure* (2018) e *After Belonging* (2016), entre outros.

Meike Wolf é uma antropóloga médica interessada em abordagens multiespécies. Explora como o conhecimento biomédico, tecnologias e práticas são empregues para moldar e modificar corpos e ambientes, e para intervir em cenários futuros. Com base no trabalho de campo etnográfico na Alemanha, Reino Unido e França, a sua investigação centra-se no aprisionamento mútuo da vida humana e microbiana. Como antiga professora assistente na Universidade de Frankfurt, liderou projetos sobre a preparação para a pandemia de gripe, e sobre os mosquitos tigre invasores na Europa. Atualmente, está a refletir sobre o conceito de fracasso. Além disso, adora cogumelos.

Michael Marder é professor de Investigação de Filosofia da Ikerbasque na Universidade do País Basco, Vitoria-Gasteiz, Espanha. A sua obra escrita abrange os domínios da teoria ecológica, fenomenologia e pensamento político. É autor de numerosos artigos científicos e de dezoito monografias, incluindo *Plant-Thinking* (2013), *Energy Dreams* (2017), *Pyropolitics in the World Ablaze* (2015), *Dump Philosophy* (2020), e *Green Mass* (2021).

Michael Wang é um artista estabelecido em Nova Iorque. No seu trabalho, utiliza sistemas que operam à escala global

como meios de comunicação para a arte, incidindo sobre as alterações climáticas, a distribuição de espécies, a alocação de recursos e a economia global. O trabalho de Wang foi objeto de exposições individuais no LMCC's Arts Center em Governors Island (com curadoria do Swiss Institute, 2019) e na Fondazione Prada (2017). O seu trabalho foi também incluído na 13.^a Bienal de Xangai, Manifesta 12 e na XX Bienal de Arquitetura e Urbanismo de Valparaíso. Em 2017, foi beneficiário da Joan Mitchell Foundation Painters & Sculptors Grant.

Nerea Calvillo é arquiteta e investigadora, e trabalha no Centro de Metodologias Interdisciplinares (University of Warwick). É também diretora do gabinete de design espacial C+ architectas, e fundadora da *In the Air*, um projeto de colaboração contínua para sentir o ar (poluição). Trabalha na intersecção da arquitetura, da tecnociência feminista e dos estudos ambientais, e a sua investigação atual centra-se na política tóxica, pólen, atmosferas e ecologias queer da política urbana. Está a trabalhar num manuscrito de um livro intitulado *Aeropolis*.

Panagiota Kotsila é investigadora pós-doutorada no Instituto de Ciência e Tecnologia Ambiental da Universitat Autònoma de Barcelona, e coordenadora da investigação sobre ecologia política urbana no laboratório de Justiça e Sustentabilidade Ambiental Urbana de Barcelona. A sua investigação examina as vulnerabilidades intersectoriais da saúde ambiental e climática, a política de ecologização urbana e saúde pública, e a biopolítica da migração na Europa. Está atualmente a trabalhar na questão da incorporação e do conhecimento encarnado em lutas pela justiça

ambiental e sanitária.

Polido é um compositor e artista oriundo da Marinha Grande, atualmente baseado em Lisboa. Estudante no Dutch Art Institute (2020-22), lançou no ano passado o díptico *A Casa e os Cães e Sabor a Terra*, pela Holuzam, depois de singles em compilações das editoras C- e WET. A partir das propriedades materiais e tecnológicas do som – e da dimensão relacional e imaterial do mesmo – o seu trabalho sonda questões de linguagem, de lugar e cruzamentos entre histórias de música e política.

Rachaporn Choochuey é a fundadora do all(zone), um estúdio de arquitetura sediado em Bangucoque. É doutorada pela Universidade de Tóquio e membro do corpo docente da Escola de Arquitetura da Universidade de Chulalongkorn. O estúdio participou em exposições internacionais, incluindo no Guggenheim Museum de Nova Iorque, na Chicago Architecture Biennial, no Vitra Design Museum, The Art Institute of Chicago, Triennale Milano, Echigo-Tsumari Art Triennale e na Sharjah Architecture Triennial. Em 2016, o all(zone) concluiu o MALLAM Contemporary Art Museum, o primeiro museu de arte contemporânea na Tailândia.

Sarah Schulman é romancista, dramaturga, argumentista, autora de obras de não-ficção e historiadora na área da SIDA. O seu vigésimo livro, *Let The Record Show: A Political History of ACT UP, New York 1987–1993*, foi publicado pela FSG em 2021. Sarah é uma ilustre professora na City University of New York, no College of Staten Island e faz parte do conselho consultivo da Jewish Voice for Peace.

Sofia Lemos é escritora e curadora na TBA21 – Thyssen-Bornemisza Art Contemporary. Foi anteriormente curadora de programas públicos e de investigação na Nottingham Contemporary, e editora associada da *The Contemporary Journal*. Iniciou numerosos projetos de colaboração, incluindo a série de encomendas multiplataforma *Sonic Continuum* e o programa de poesia *Five Bodies*. Editou o livro *Sonic Continuum: On the Sound and Poetics of Time* (a publicar) e coeditou *METABOLIC RIFTS* (2019) e *Musa paradisiaca: Views on Misunderstanding* (2018).

Sofía Gallisá Muriente é uma artista visual que trabalha através de múltiplas abordagens à documentação, aprofundando a subjetividade das narrativas históricas e examinando arquivos formais e informais, imaginários populares e cultura visual. Expôs os seus trabalhos na Bienal de Whitney, no Queens Museum, ifa-Galerie em Berlim, entre outros. De 2014 a 2020, foi codiretora da Beta-Local La Práctica, uma organização dirigida por artistas dedicada a promover o intercâmbio de conhecimentos e práticas transdisciplinares em Porto Rico. Atualmente, integra a Puerto Rican Arts Initiative e o Annenberg Innovation Lab da USC.

Tamara Giles-Vernick é diretora de investigação e chefe da Unidade de Antropologia e Ecologia de Emergência de Doenças no Institut Pasteur, Paris. Giles-Vernick coordena atualmente a Sonar-Global, uma rede global de investigação em ciências sociais financiada pela CE para a preparação e resposta a ameaças infecciosas. Especialista em antropologia médica e história da África Central e Ocidental,

a sua investigação atual centra-se no Covid-19 e suas consequências, bem como em doenças zoonóticas e epidemias emergentes. Além disso, publicou trabalhos sobre o Ébola, a emergência histórica do VIH em África, a história das pandemias de gripe, entre outros.

Teresa Fabião é bailarina, educadora, investigadora e ativista dos direitos humanos. O seu percurso é multifacetado e movido pelos trânsitos: trânsitos entre diferentes culturas, entre diferentes linguagens de movimento e entre diferentes contextos de fazer e pensar a arte. É cofundadora da VIRAL, um coletivo pioneiro em Portugal que utiliza a performance como espaço para a ressignificação de imaginários relacionados com o VIH/SIDA. Fabião está prestes a estrear a performance *UNA*, que analisa os cruzamentos entre a arte e o vírus, e fala de uma viagem de dez anos como mulher portadora do VIH.

Tomaso De Luca é um artista visual que vive e trabalha em Berlim. O seu trabalho foi exposto na Quadriennale di Roma (2020), no Centro de Arte Contemporânea de Vilnius (2017), Parque Lage, Rio de Janeiro (2015), Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Turim (2015), entre outros. Em 2013, foi um dos finalistas do *9th Furla Prize*, e, em 2017, foi *Cy Twombly Fellow* na Academia Americana em Roma. Em 2021, a sua obra *A Week's Notice* ganhou a segunda edição do Prémio MAXXI Bvlgari.

Uriel Orlow é um artista visual. As suas exposições individuais recentes tiveram lugar no La Loge, Bruxelas; State of Concept, Atenas; Kunsthalle Mainz; e Tabakalera, San Sebastian. O trabalho de Orlow foi também apresentado nas

principais exposições de retrospectiva, incluindo a 54^a Bienal de Veneza, Manifesta 9 e 12, British Art Show 9, a 6^a Bienal de Lubumbashi, a 13^a Bienal de Sharjah e a Bergen Assembly. As suas publicações monográficas incluem *Conversing with Leaves* (2020), *Soil Affinities* (2019) e *Theatrum Botanicum* (Sternberg Press, 2018). Orlow é investigador sénior na University of Westminster, Londres, e docente na Zurich University of the Arts (ZHdK).

Vivian Caccuri é uma artista visual, musicóloga e produtora musical sediada no Rio de Janeiro. O seu trabalho é dedicado à música e ao som num domínio alargado, habitualmente refletindo e recriando comportamentos e sensações já bem estabelecidos. Os sons que são de alguma forma marginalizados, indesejados ou subestimados atraíram-na aos mosquitos, e à forma como as epidemias de febre amarela moldaram a percepção da natureza tropical. As suas obras foram exibidas na Bienal de Veneza, nas Serpentine Galleries e na Bienal de São Paulo. Caccuri figura no "Future Greats" da *ArtReview* e nos livros *Brazilian Interviews* e *Remember Nature* de Hans Ulrich Obrist.